

TRIBUTO AO PROFESSOR WASHINGTON PELUSO ALBINO DE SOUZA*

A TRIBUTE TO PROFESSOR WASHINGTON PELUSO ALBINO DE SOUZA

ANTÔNIO AUGUSTO CANÇADO TRINDADE**

- I -

É deveras auspiciosa, além de sumamente justa, a outorga, pela Editora Del Rey, através de seu Conselho Editorial, do diploma *Destaque em Ciências Jurídicas de 2008*, ao Professor Washington Peluso Albino de Souza, a quem os círculos acadêmicos mineiros tanto devem. Sucessivas gerações de egressos da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Vetusta Casa de Affonso Penna, nossa *alma mater*, são certamente unânimes em reconhecer no Professor Washington Albino, mais do que um Professor, um verdadeiro Mestre. Constitui para mim uma alta distinção poder, em nome de nosso Conselho Editorial, dirigir-lhe uma saudação na cerimônia desta noite de 22 de dezembro de 2008.

Todo universitário, ao iniciar seus estudos, tem idealizada a figura do professor e orientador que espera encontrar em seus anos de Universidade. Washington Albino representa, para todos os que temos tido a alegria e o privilégio de conhecê-lo e com ele

* O presente tributo ao Professor Washington Albino, aqui reproduzido, foi originalmente prestado pelo autor ao homenageado, em cerimônia do Conselho Editorial da Editora Del Rey, realizada em Belo Horizonte, aos 22 de dezembro de 2008.

** Ph.D. (Cambridge); Ex-Presidente da Corte Interamericana de Direitos Humanos; Juiz da Corte Internacional de Justiça (Haia); Professor Emérito de Direito Internacional da Universidade de Brasília; Professor Honorário da Universidade de Utrecht; Membro do *Curatorium* da Academia de Direito Internacional da Haia; Professor e Doutor *Honoris Causa* por distintas Universidades na Argentina, Chile, Colômbia, México, Paraguai e Peru.

conviver, a realização desta aspiração: é ele o Professor que todo universitário aspiraria ter. É ele o mestre reconhecido, não só por sua profunda erudição, como igualmente por sua integridade inabalável, sua inteligência aguda, sua constante indignação com as injustiças e iniquidades lamentavelmente tão comuns em nosso país, sua fina sensibilidade para com a cultura, sua capacidade de tirar o muito do pouco, sua amizade incondicional, seu entusiasmo incontido, sua perene jovialidade de espírito.

Guardo viva memória de seus ensinamentos no Curso de Doutorado em 1972, e dos debates que se estendiam noite adentro. Nesta ocasião, criamos sob sua Presidência a Fundação Brasileira de Direito Econômico (FBDE). Àquela época, todos já reconhecíamos no Professor Washington Albino o pioneiro do Direito Econômico nos círculos jurídicos brasileiros. De seus ensinamentos no limiar dos anos setenta, retive sobretudo dois pontos capitais. Primeiro, a constatação de que as relações econômicas entre os povos, e toda a temática do desenvolvimento, não se enclausuram nos parâmetros dos ordenamentos jurídicos internos, nem tampouco nos diferentes ramos do Direito em sua sistematização clássica.

Segundo, a posição no sentido de que, para regulamentar tais atividades econômicas que não se enquadram nos parâmetros dos demais ramos do Direito, emerge precisamente o Direito Econômico, a propiciar juízos de valor sobre atividades econômicas condicionadas a princípios jurídicos, sobretudo os que se voltam à justiça social e ao atendimento das verdadeiras necessidades da pessoa humana e do meio social em que vive. Estes ensinamentos retêm atualidade em nossos dias, em que, uma vez mais, face à atual crise econômica internacional fabricada com total impunidade por alguns poucos em detrimento de milhões de seres humanos, constatamos que as chamadas e famigeradas “leis” do mercado não logram sequer regulá-lo, a si mesmo, e muito menos o meio social como um todo, mostrando-nos antes o caminho de volta à lei da selva.

- II -

Em outra linha de reflexões, Washington Albino veio a tornar-se pioneiro em nossos círculos jurídicos também ao identificar e explicar o processo de formação da consciência e cultura mineiras. Esclareceu a fusão e amálgama dos elementos culturais originários - o indígena, o africano e o europeu - em vilas e cidades mineiras, em um processo transformador sem comprometimento com fórmulas outras que as que em nossas terras já se encontravam. Daí as manifestações do barroco mineiro em particular, e da cultura mineira em geral, - com expressão própria a partir da atividade humana da extração do ouro nas condições locais, - e que não deixaram se transformar ou violentar por projeções estranhas.

Daí a afirmação satisfeita do Professor Washington Albino, no final dos anos setenta, de que a cidade mineira tem caráter. A cultura mineira - como toda cultura, representa uma forma própria de linguagem e de comunicação com o mundo exterior. O pioneirismo de sua análise contribuiu a prontamente exorcisar de nosso meio quaisquer pretensões de colonialismo cultural. E a valorizar a pesquisa em nossa própria terra. Nós, que somos oriundos da Minas Gerais *profonde*, sabemos que não necessitamos repetir ou ecoar o que se afirma em centros acadêmicos do hemisfério norte. Temos nossas próprias visão e compreensão do mundo.

Nossa cosmovisão também tem presente a humanidade como um todo, ao mesmo tempo em que descartamos a massificação. Com efeito, no mundo, hoje denominado “globalizado”, em que vivemos e atuamos, com as fronteiras abertas aos capitais e serviços mas cada vez mais fechadas aos seres humanos, - voltamos ao mito da torre de Babel, mas com outros olhos, e visto ao avesso: o que hoje realmente preocupa e assusta é a pretensão de uniformização imposta.

Durante séculos, o mito bíblico e literário da torre de Babel associou-se à busca da unidade, e à imposição da uniformidade à diversidade, com a conseqüente sanção por desobediência. Foi necessário esperar até o século XX, para que autores universais como Franz Kafka e Stefan Zweig, com suas singulares premonições e sensibilidade, procedessem a uma releitura não tão negativa do mito de Babel, ante a ameaça dos horrores totalitários em seu intuito de frear o pensamento humano e de recusar a diversidade.

O mito de Babel afigura-se, na verdade, dotado de dinâmica própria, e revela uma afinidade com o mito de Sísifo, a da construção humana inelutavelmente inacabada. Se a história da condição humana tem início com a queda da torre de Babel, a perda da língua universal e a dispersão dos seres humanos sobre a terra, este pluralismo - mais atual do que nunca - deve ser visto hoje com outros olhos, como algo positivo, e ameaçado pela nova onda de perigosa uniformização contemporânea: a da ditadura do mercado, e ainda pior, do mercado irresponsável. Devemos, pois, bradar aos céus: que maravilha a diversidade a partir de Babel, viva a diversidade cultural, no âmbito da universalidade do gênero humano!

- III -

A partir do final dos anos oitenta, o Professor Washington Albino, como livre pensador, não hesitou em transitar do Direito Econômico ao domínio, de horizontes ainda mais vastos, da luta pela exigibilidade dos direitos econômicos, sociais e culturais. Em seminário nacional pioneiro, que convoquei e realizei em Brasília, em 1991, de mobilização social em prol da adesão do Brasil aos tratados gerais de direitos humanos, prestou uma valiosa colaboração em sua crítica do método dogmático do ensino jurídico prevalecente em nossas Faculdades de Direito, e da aplicação do Direito prevalecente em nosso meio social.

Em sua lúcida ponderação, raramente se infunde a necessidade de penetração de nossa realidade para o próprio conhecimento do Direito. Por conseguinte, - fulminou o Professor Washington Albino, - “concretiza-se, desta forma, com plena segurança profissional, a injustiça em nome do Direito. Daí a descrença do cidadão na justiça em nosso país, com adágios correntes, como o de que `é melhor um mau acordo do que uma boa demanda” (tomo de atas *Seminário de Brasília de 1991*, p. 170). E daí a importância da jurisdição internacional de proteção, como salvaguarda adicional dos direitos inerentes à pessoa humana. Desde então, Washington Albino tem vinculado o cultivo do Direito Econômico à luta pela vigência dos direitos econômicos, sociais e culturais, - o que nos tem proporcionado uma convivência ainda mais estreita em distintas latitudes.

Em meados da década de noventa integramos juntos o Grupo de Consultores do Instituto Interamericano de Direitos Humanos que preparou, na sede do Instituto em San José da Costa Rica e na sede da CEPAL no Chile, um estudo que buscou orientar as políticas públicas dos Estados da região nos domínios econômico, social e cultural, à luz dos direitos humanos. Em uma feliz ocasião como a desta noite, que hoje só a Editora Del Rey pode nos proporcionar, graças à visão de seu Diretor Presidente e nosso anfitrião Arnaldo Oliveira, apraz-me deixar aqui registro destes fatos. Até o presente ano de 2008 (e confiamos que por muitos anos mais), Washington Albino nos vem dando a honra de compor, juntamente com Paulo Bonavides, o Conselho Diretor do Instituto Brasileiro de Direitos Humanos, em mostra adicional de seu firme compromisso e incansável empenho nas grandes causas. E de seu amparo às novas vocações, ilustrados ademais por sua liderança na edição, nos últimos anos e em 2008, da *Revista da Faculdade de Direito da UFMG*.

- IV -

O Professor Washington Albino tem muitos outros méritos: o de ter mantido vivo o seu inabalável espírito universitário, da verdadeira *Universitas* que traz dentro de si, não obstante seu imenso pesar - que compartilho inteiramente - pelo processo de gradual destruição da Universidade pública brasileira ao longo das três últimas décadas. Nunca aceitou, como tampouco aceitamos, que o ensino tenha entre nós deixado de ser um *bem público* e sido reduzido a uma *mercadoria*.

Estou seguro de que, como livre pensador que é, o Professor Washington Albino compartilha ademais minha total aversão à banalização da pesquisa acadêmica, refletida na atual moda de imposição apriorística do “marco teórico” ao pesquisador. Tal como concebida e hoje praticada nos escombros do que já foi a Universidade pública brasileira, esta nova exigência inibe a liberdade de pesquisa acadêmica, constringe nossos jovens estudiosos, e termina por fazê-los capitular ante as construções de algum teórico mediatizado, quase sempre estrangeiro. Washington Albino tem demonstrado que, ao contrário, é possível e desejável que cada acadêmico construa seu próprio marco teórico, resultante de sua própria reflexão, e não da adoção prematura da construção de outrem, adoção esta que não raro desaba em plágios.

- V -

Não poderia deixar de me referir a dois outros pontos, estes sempre presentes, nos escritos do Professor Washington Albino: a atenção às culturas concomitantemente com a condição humana, ou seja, com a *humanidade* como um todo, e a importância do espírito de *observação*. Este último o levou a sobreviver à convivência com o caos do cotidiano em nosso país. Refugiou-se em sua casa barroca erguida no sopé do que

ainda resta das montanhas que ornamentavam Belo Horizonte, onde convive com espírito jovial com os mais fiéis amigos do ser humano: os bons livros.

Na verdade, Washington Albino tem a sabedoria de viver dentro de uma preciosa e aconchegante biblioteca, ornada da peças da arte barroca mineira. Aí tem se protegido da ingratidão e da ignorância, abundantes em nosso meio. O Professor Washington Albino priva, em seu lar iluminado, da companhia de réplicas dos profetas do Aleijadinho, tamanho natural. Aí, deve - imagino - com eles dialogar, no melhor estilo platônico, sobre o real e o transcendental. Deve superar dificuldades - continuo a imaginar - de concentrar-se neste último, no transcendental, algo certamente difícil no país, ou melhor, no conglomerado, em que vivemos.

Aí, da sacada interna de sua casa barroca, inabalável, na Belo Horizonte assolada pela “modernidade”, tem *observado* o seu entorno, buscando compreendê-lo, uma proeza irrealizável para a grande maioria dos “modernos” e “pós-modernos”. Aí, na varanda interna de seu refúgio barroco, tem exercido a *observação* que tanto valoriza, tem observado paciente e atentamente o nosso conglomerado, e aprendido - e generosamente ensinado - a conviver com a irracionalidade, e sobreviver à mesma. Aí, o Professor Washington Albino tem sido sempre um homem livre.

- VI -

E, como tal, como livre pensador, nos tem presenteado sua convivência, sua sabedoria e lealdade, aos que temos tido o privilégio e a graça de privar de sua amizade. A postura crítica quanto a todo dogmatismo, - no plano jurídico ou outros, - é um ponto de convergência de nossas afinidades. Em se tratando do querido Mestre, me apraz recordar-me, mais do que de épocas, de *instantes* de plenitude, - a exemplo de nossos sucessivos e prolongados diálogos no Minas Tênis Clube (o

Minas-I, naturalmente) ao longo dos anos. Nestes encontros, temos podido compartilhar os ensinamentos extraídos de nossas caminhadas, del *cammin di nostra vita*. Tenho podido captar o sorriso gratificante do mestre, de sua real satisfação com as novidades dos avanços jurisprudenciais que lhe transmitia da Corte Interamericana de Direitos Humanos, particularmente no tocante à identidade cultural como elemento integrante do próprio direito à vida (como afirmado nos casos *Bámaca Velásquez versus Guatemala*, 1999-2001; *Comunidade Moiwana versus Suriname*, 2005-2006; *Comunidades Indígenas Yakye Axa e Sawhoyamaxa versus Paraguai*, 2006, entre outros).

Ambos coincidimos quanto ao dever de memória. É este um imperativo, quando pouco de satisfação aos injustiçados. Por vezes a memória dói, mas cumpre cultivá-la; por vezes a memória é penosa, mas sem ela a existência humana é desprovida de sentido. Ao concluir minha saudação desta noite, permito-me ressaltar a real satisfação do Conselho Editorial da Editora Del Rey ao fazer um ato de justiça outorgando ao Professor Washington Albino o diploma *Destaque em Ciências Jurídicas de 2008*. Enfim, ao Professor Washington Albino, só posso reiterar: muito obrigado por seu exemplo de independência de espírito; por sua dedicação incansável à *Universitas*; por estar conosco hoje, e sempre; pela fidelidade de sua amizade, e por ser quem é. O mundo, o nosso mundo, é melhor por isto.